

**ARTIGO DE REFLEXÃO****POR UMA ABORDAGEM COMPREENSIVA DA EXPERIÊNCIA FAMILIAR DE CUIDADO**Roseney Bellato\*  
Laura Filomena Santos de Araújo\*\***RESUMO**

Este ensaio foi embasado na vivência das autoras no desenvolvimento de pesquisas na área da saúde e enfermagem que têm como tema central a experiência familiar de cuidado, da qual têm aproximação por meio da abordagem compreensiva. No desenvolvimento do ensaio, procurou-se tematizar como tal abordagem desenha-se na pesquisa de modo a apreender os relevos e contornos da realidade fluida e dinâmica da experiência cotidiana humana, pautados na abordagem compreensiva e, privilegiadamente, na História de Vida; e a dimensão estética e ética desta abordagem. Na apreensão pelo olhar sensível e empático do pesquisador em direção ao outro, participante da pesquisa, apercebemo-nos que as pessoas e suas famílias 'dizem sim à vida', mesmo enfrentando situações mais difíceis como o adoecimento. Em uma perspectiva do presente, as pessoas cuidam da vida, na vida é para a vida, buscando estar bem dentro das potencialidades que se apresentam no 'aqui e agora', não permitindo que a possibilidade da finitude mais próxima seja o horizonte mortífero que anularia esse cuidado. Entendemos que a abordagem compreensiva, ao se debruçar, de modo sensível, sobre situações localizadas e pessoalizadas de adoecimento e cuidado, pode nos amparar na compreensão da permanência, transcendência e universalidade do sofrimento humano.

**Palavras-chave:** Pesquisa Qualitativa. Pesquisa em Enfermagem. Família.

**INTRODUÇÃO**

Apresentamos este ensaio embasado em nossa vivência durante o desenvolvimento de estudos e pesquisas matriciais na área da saúde e enfermagem, que têm como tema central a experiência familiar de cuidado. Somos vinculadas à instituição de ensino superior pública brasileira no âmbito da Pós-Graduação e Graduação em Enfermagem. Tais pesquisas são conduzidas por meio da abordagem compreensiva, o que tem nos permitido apreender o cotidiano da família em sua complexidade, com seus relevos e intensificações a dados eventos, que se mostram integrados ao todo do viver de cada membro da família. Dentre esses eventos, o foco de nossos estudos tem sido a experiência de adoecimento envolvendo, em regra, alguns de seus membros. Embora ocupe certa centralidade no todo da vida, o adoecimento não se destaca daquilo que se passa com as pessoas, posto produzir

afetamentos nas demais dimensões da vida, diferenciados para cada ente familiar, na medida mesma de seu envolvimento com o cuidado.

No desenvolvimento deste ensaio, objetivamos tematizar como a abordagem compreensiva desenha-se na pesquisa com emprego da História de Vida, de maneira a apreender os relevos e contornos da experiência familiar de cuidado. Para tanto, debruçamo-nos na mostraçãõ da nossa forma de produzir conhecimento e apresentamos, em sua primeira parte, o entendimento da abordagem compreensiva como um modo criativo de pesquisar, distanciando-nos da investigação como alinhamento de métodos, estratégias e técnicas. O 'método' adotado por nós consiste, então, em 'um encaminhamento'<sup>(1)</sup>, no qual o acionamento de uma 'razão aberta' nos permite tracejar elementos balizadores que possibilitem apreender os relevos e contornos da realidade fluida e dinâmica da experiência cotidiana humana. Na segunda parte discorreremos sobre possibilidades de apreensão sensível da

\*Doutora em Enfermagem, docente aposentada da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (FAEN/UFMT); membro do Grupo de Pesquisa Enfermagem Saúde e Cidadania, (GPESC). Cuiabá-MT, Brasil. roseneybellato@gmail.com

\*\*Doutora em Enfermagem, docente da FAEN/UFMT; líder do GPESC. Cuiabá-MT, Brasil. laurafil1@yahoo.com.br

experiência familiar de cuidado, pautadas na abordagem compreensiva e na História de Vida, com base em nossa experiência nos últimos dez anos na coordenação de pesquisas matriciais no âmbito do Grupo de Pesquisa Enfermagem, Saúde e Cidadania (Brasil). Encerramos o ensaio com algumas considerações quanto às dimensões ética e estética da pesquisa de abordagem compreensiva na saúde.

### **Abordagem compreensiva desenhando-se na pesquisa**

Compreender a experiência de vida das pessoas apresenta-se como um ideal, ou aquilo que se almeja como imagem-objetivo; porém, na certeza da compreensão como forma parcial, localizada e transitória de se conhecer o outro.

Mas, qual será nossa perspectiva no esboço e condução da pesquisa? Decerto, compreender não pode ser uma ideia totalitária que se esgota, ou se alcança, por meio de uma tese. Com base nessa premissa, adotamos a abordagem compreensiva como tomada de posição, ou postura, frente ao outro, à vida, e às formas de se dar a conhecer tudo isso. Tal postura se faz em conformidade ao modo de compreender o ser humano na incompletude e impermanência de suas formas; ser, este, pleno da experiência da incerteza e provisoriedade que conformam as condições da sua existência. Assim, não houve preocupação em nomear a nós mesmas e nem àquilo que produzimos com quaisquer rótulos, mas esforço em descrever as *formas* em suas características essenciais.

Dando-se a conhecer no bojo de uma razão mais aberta, neste *modus operandis*, buscamos conferir relevo a uma multiplicidade de razões sutis, capazes de dar a perceber, ao mesmo tempo, a força interna de cada fenômeno e sua necessária conjunção ao todo<sup>(1)</sup>.

Centramo-nos na apresentação do ‘como’ as coisas passam e se passam, em descrição minuciosa das situações vivenciadas pelas pessoas, sem a pretensão de esgotá-las em seus múltiplos sentidos e dimensões. Entendemos não se tratar de uma limitação do pensar, mas, bem ao contrário, de um alargamento do pensamento que procura compreender em profundidade aquilo que constitui a especificidade de cada situação, de cada vivência, fazendo sobressair-lhes a efervescência vital. E, nesse movimento,

não raro, é preciso abrir mão das nossas certezas a favor dos influxos da realidade<sup>(2)</sup>.

Aproximamo-nos, assim, daquilo que pode ser chamado de ‘conhecimento intuitivo’, ou seja, que se faz a partir de uma visão do interior – *intuire*<sup>(1)</sup>. Essa postura compreensiva constitui-se em uma posição do pesquisador no mundo e frente àquilo que acontece, e que o põe ‘em relação’ com as pessoas e com o que ‘se passa’ com elas. Há, assim, ‘com-paixão’, ou seja, o ‘viver com’ o outro, compartilhar com ele a rememoração de suas vivências, procurando apreender os sentidos e sentimentos daí emanados. Ao afirmar esta perspectiva de proximidade do e com o outro, elegemos alguns poucos princípios basilares que orientam a pesquisa indagando-nos: compreender para quê? Logo, buscamos a fidelidade ao princípio de tomar o outro – pessoa e família – como central no cuidado e de nos colocarmos implicados com esse cuidado, necessariamente ressignificando saberes e práticas em saúde, de maneira que possam ser mais efetivas em sua vida. Essa postura diante do outro possibilita aproximação e reconhecimento da experiência pessoal e familiar de adoecer e cuidar, de modo a evidenciar os afetamentos emanados dela, bem como o potencial das práticas profissionais ampararem o outro nessa vivência<sup>(3)</sup>.

Nesse movimento empático com o outro, situamo-nos a certa distância, não tão pequena que nos leve a perder o contexto de sua vivência, nem tão grande que nos impeça de conhecer os meandros dessa experiência humana única.

Tal postura sustenta a compreensão da pesquisa como um movimento, na medida em que, de um delineamento inicial, o tracejado vai sendo reelaborado, paulatinamente, nos remetendo a outros patamares de apreciação e compreensão da experiência humana. Assim, de uma intuição inicial da situação vivenciada pelas pessoas em contornos mais esmaecidos, ela vai se tornando mais nítida a cada encontro, pois que novas luzes vão sendo lançadas pelo contar-se pelas pessoas e pela nossa apreensão do texto e contexto de suas vivências.

Nessa condução sensível da pesquisa, guiamo-nos pelo alerta de autor de que esta é coisa demasiado séria e difícil e, nela, não se deve confundir o rigor, sempre necessário, tornando-o rigidez, que é o contrário da

inteligência e da invenção; no que ironiza: “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos”<sup>(4:26)</sup>. É também o autor quem chama a atenção para o fato de que a construção do objeto de pesquisa não é um ‘ato teórico inaugural’<sup>(4)</sup>, um plano que se desenhe antecipadamente.

Para nós, o desenho da pesquisa se ‘desenrola’ paulatinamente, conformando-se por movimentos de aproximação e relevação, ou seja, ao se conferir certos relevos à complexa trama da experiência humana, sem a pretensão de totalidade, dado que a incompletude é sua forma de existência. Esse encontro entre pessoas implica a sensibilidade do pesquisador em reconhecer a outra e desta, por sua vez, em dispor a se dar a conhecer, relevando as importâncias dos acontecimentos em sua vida. O tom do contar-se, a escansão dos tempos, os sentidos são, dentre outros, centrais no delineamento de cada objeto de estudo – construído, portanto, no experimento, e não a priori.

Esse esforço de impressionarmos-nos da vivência do outro, para delinear-la em seus contornos e relevos, aproxima-nos da ideia da pintura impressionista como compreensão do nosso modo de pesquisar e da pesquisa como criação de arte. Sobre isso, autor<sup>(5)</sup> argumenta que o pintor impressionista busca escapar ao enclausuramento das fórmulas prontas, dando conta das ambiências que compõem aquilo que o cerca. Neste sentido, “o impressionismo intelectual também busca a simplicidade da existência cotidiana, dando relevo aos seus aspectos cambiantes; e, assim fazendo, sublinha o sentimento de sonho, próprio do inelutável vir a ser das horas e dos dias de que está impregnada a vida diária”<sup>(5:28)</sup>

Por conseguinte, na abordagem compreensiva da experiência das pessoas não tratamos, pois, de ‘dispor’ elementos que compõem certo objeto de estudo em dada ordem, como se dispusesse de ‘pontos de fuga’ para delimitá-lo, já que tal desenho aproximar-se-ia da pintura de ‘natureza morta’. Destarte, o objeto é o ponto de chegada da investigação, quando esta se encontra, finalmente, encarnada da experiência humana, sempre local, própria, substantivada, expressando suas relevâncias e sentidos. Assim,

é no dizer das próprias relevâncias que o objeto se nos revela, conformando-se aos nossos olhos.

### **Abordagem compreensiva da experiência familiar de cuidado**

Na compreensão da experiência familiar de cuidado e adoecimento temos empregado, de modo privilegiado, a História de Vida<sup>(6-7)</sup>. Nela, a pessoa adoecida e os membros de sua família são convidados a nos contar sobre ‘o todo de sua vida’, o que fazem a partir de sua própria lógica, tanto no relevo de situações por elas vividas quanto no enredo temporal. Por certo, a realidade do tempo experiencial destoa ou desencontra do tempo das horas frias - o tempo físico que independe de nós. Nessa rememoração do vivido de cada um, seus fios narrativos são condutores do aprofundamento paulatino, naquilo que se mostra relevante para a pessoa, e de maior interesse para o foco do estudo.

Em nossos estudos, a concepção de História de Vida se faz intrínseca à compreensão das vivências das pessoas, pois os acontecimentos que elas rememoram mostram-se preñes de significados, já que se trata do ‘que se passa’ com elas, o que lhes acontece e as toca<sup>(8)</sup>. Acresce-se que o narrado pelas pessoas, não sendo propriamente o vivido, é rico da elaboração interpretativa dos acontecimentos que se viveu e se rememora. Decerto, a memória é o motriz de resgate dos fios da meada da vida interpretada no presente, e que se faz com antecipações futuras. Requer, portanto, paciência no desenrolar dos fios narrativos da história da pessoa, dado que a memória é (in) certa a sua maneira, seguindo outras lógicas no desfiar dos acontecimentos, num processo integrativo do vivido cotidianamente e em conexão ao que, de certa maneira, tocou e impregnou a memória afetiva<sup>(5-6)</sup>.

Debruçamo-nos sobre o ‘contar-se’ em tais vivências e nos pomos a ‘cismar’ e ‘ruminar’ sobre os sentidos que as pessoas lhe atribuem. Ao longo do encadear dessa apreensão é possível, então, depreendemos o modo como nossas práticas profissionais em saúde afetam suas vidas.

O estímulo ao contar-se vai sendo dado pelo pesquisador a partir dos próprios fios narrativos tecidos por cada entrevistado<sup>(6)</sup>; destarte, o aprofundamento da entrevista consubstancia-se por meio de vários encontros. Ao longo destes,

vamos produzindo ‘adensamentos’ de algumas perspectivas que mais nos chamam a atenção no todo das narrativas, em consonância com o esboço, ou tracejado, inicialmente delineado para o estudo, dando-lhe delineamento paulatino com o próprio caminhar do campo da pesquisa.

Portanto, a experiência de cuidado e adoecimento se mantém integrada ao todo do vivido, ganhando, no entanto, nuances de um *composé* a partir dos ‘tons’ dados a essa experiência por cada um dos entes familiares entrevistados, mostrando-nos como cada ente é afetado e afeta tal experiência familiar. Não há, portanto, a preocupação de confronto das narrativas, mas de composição na tecitura da vivência familiar, apresentando o modo como cada ente familiar experiencia o adoecimento e a necessidade de cuidados à pessoa adoecida, dando relevo aos afetamentos produzidos nessa experiência compartilhada.

No esforço de apreensão da experiência familiar, valorizamos a nossa própria capacidade de percepção, dado que, o mundo que as pessoas habitam se faz de formas, sons, cheiros, texturas, arquiteturas, objetos, movimentos, relações – tudo que possa por nós ser apreendido, impressionando nossos sentidos e intuições. Este mundo é, portanto, pleno de (in) dizíveis e (in) visíveis; coloca-se como um campo de possibilidades ao observador/pesquisador, necessitando meios sensíveis de apreensão em pesquisa. Como exemplo, a observação, antes de ser ato objetivo e sistemático, conforma-se num ‘observar com tento’ por meio de ‘olhos de ver’<sup>(9)</sup>, por considerarmos que aquilo que se vê é tributário da apresentação, da mostraçãõ do observável<sup>(1)</sup>, posto que as coisas não sejam dadas *a priori*, mas, tornadas presentes a um olhar sensível.

Por valorar nossa percepção, trabalhamos com descrições pormenorizadas geradoras de imagens mentais, sejam do contado pelas pessoas, sejam do observado por nós. Nosso imaginário, por sua vez, produzirá a leitura dessas imagens, procurando restituir-lhes, na medida do possível, a fluidez e a movência do vivido pelas pessoas.

Entendemos que as imagens buscam ser a expressão imagética do vivido, em sua forma ‘coagulada/apreendida’ num outro jeito de dizê-la, que impressione a sensibilidade. Na apresentação para sua obra “Poesia Completa”,

autor<sup>(10:7)</sup> nos diz que “Essa fusão com a natureza tirava minha liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem. Então comecei a fazer desenhos verbais de imagens. Me dei bem”. A nós também é cara a ideia de buscar produzir ‘desenhos verbais de imagens’, assim como produzir imagens a partir do contado. Assim, passamos a elaborar, também, imagens de diferentes modalidades – desenhos, diagramas, mapas, genogramas, dentre outros - que pudessem conferir certa ordenação e compreensão àquilo que descrevemos das histórias de vida. Com base nesses argumentos, em nossos estudos passamos a tomar a produção imagética como potente recurso metodológico-interpretativo.

Lembramo-nos daquilo que autor<sup>(11)</sup> denomina de ‘perspectiva imaginal’, tomando a imagem como um ‘mesocosmo’, um mundo do meio entre o macro e o microcosmo, entre o universal e o concreto, entre o geral e o particular. Portanto, a imagem tem a possibilidade de ilustrar, nomear e descrever, permitindo destacar a razão interna que anima cada coisa. O autor afirma ainda que a imagem pode favorecer “aceder a uma espécie de conhecimento direto, conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum das ideias, evidentemente, mas também das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser”<sup>(11:102)</sup>.

É nessa perspectiva que trabalhamos a imagem - como um meio de dizer coerente com nossos temas de estudo, pois produz identificação naquele que deles se aproxima, já que ele é também um ser imagético. Para tanto, o pesquisador precisa ser uma ‘presença interessada’ em relação ao que observa, apreende, descreve e interpreta. Ele é também um ‘construtor de relações’, visto que ao empatizar com o outro, ou seja, estabelecer uma identificação afetiva, ele tece e estreita essa relação buscando penetrar nos sentidos do viver/sentir do outro. Por isso é que ‘põe em perspectiva’ a narrativa, contextualizando-a no todo da vivência da pessoa<sup>(2)</sup>. Para tanto, é necessário o emprego pleno dos sentidos e da intuição de forma atenta e aberta, sem pré-conceitos, ou seja, sem direcionadores pré-fixados. É preciso lembrar que o olhar

investigativo é construído ‘enxergando’ aquilo que foi ‘acostumado/treinado’ a valorizar.

A apreensão da experiência do outro se faz pela composição de diferentes modos sensíveis de perceber - complementares, integrativos, de religação; assim sendo, a entrevista em profundidade, o campo de observação e a produção da imagem formam um conjunto de possibilidades metodológicas para lidarmos com a complexidade das situações que nos são apresentadas pelas pessoas ao nos narrarem seu vivido. Diferencia-se, portanto, da triangulação, ou cruzamento de dados que, ao empregar diferentes meios para a constatação da realidade, se dá, não raro, com intuito de ‘confrontação dos dados’, ou sua ‘confirmação’.

Buscamos, pois, modelar a ‘forma’ de cada estudo, traçando-lhe o delineamento pela emolduração da vivência de adoecimento e cuidado de cada família. Ao tratar da moldura<sup>(12)</sup>, autor lembra-nos que, na pintura, seu caráter essencial é o de valorizar o que ela limita. Assim, também, a emolduração realizada por nós do viver da pessoa adoecida e sua família busca dar relevo aos sentidos atribuídos a cada situação, os modos de andar a vida de cada ente familiar e da família, as relações e ambiências que compõem a vida cotidiana, dentre outros. Embora produza limitações daquilo que insula, esse movimento permite ao pesquisador uma compreensão mais ampliada daquilo a que foi dado relevo por ele, visto tomar-lhe certa distância que possibilita a apreensão ética e estética dessa vivência.

Para refletir sobre as diferentes formas de compreender o vivido pelas pessoas, é interessante a metáfora do caleidoscópio, que nos põe em relação com algo que, tendo potencialidade quase infinita de produzir formas, a cada movimento leve e sutil, as compõe de uma maneira. A sensibilidade e sutileza de quem movimenta o caleidoscópio é que ‘desenha uma forma’. Assim também o é na pesquisa de abordagem compreensiva, pois o modo de estar presente frente ao outro, de se sensibilizar com o seu contar-se, de ter olhos de ver o que se faz presente na situação durante os encontros, é que trará os elementos para compor a forma da compreensão de certa dimensão do vivido.

### **A dimensão estética e ética da abordagem compreensiva**

Ao concebermos a pesquisa como ‘obra de criação’, ou como ‘obra de arte’<sup>(13)</sup> tomada de um esboço inicial que vai se delineando no processo mesmo da pesquisa, assumimos, de maneira declarada, sua dimensão estético-criativa. Nesse movimento, dar relevo aos ‘afloramentos’ que já se mostravam presentes no esboço, sem desprezar os ‘resíduos’, mas compondo-os num todo orgânico, aproxima-nos da pintura impressionista. Nesta, embora trate de um fragmento da dinâmica do viver ‘congelado’ no tempo, por pura magia, ‘dá vida’ àquilo que, de outra forma, ficaria inerte. E essa magia está na própria composição da pintura, no seu modo de criação, ou na sua concepção, nas cores, nos sentimentos do artista ao captar a cena por ele vista ou imaginada. Aliás, essa é a outra parte da magia - ‘o olho/coração’ do artista que, ao captar aquilo que se faz visível, dá-lhe dimensões outras que ficariam invisíveis se assim não fosse. Da mesma forma, na abordagem compreensiva que adotamos, buscamos dar a conhecer as nuances do vivido, com seu colorido, movimento e luz própria<sup>(13)</sup>.

Quanto à dimensão ética, ela se faz encarnada em nossos estudos ao assumirmos o profundo respeito à dimensão humana que embasa a pesquisa, tanto a partir da vivência da pessoa adoecida e família, quanto da vivência do pesquisador, afetando-se mutuamente e imprimindo o delineamento próprio do pesquisar. Configura-se, assim, uma atitude ética do pesquisador ao longo de todo o estudo, formalizada na aprovação ética em pesquisa com seres humanos<sup>(14)</sup>, mas que a ultrapassa em muito.

A própria abordagem compreensiva, ao assumir a História de Vida como modo privilegiado de apreender as experiências das pessoas e famílias, implica em alguém que ‘se conta’ para o outro e para si mesmo e em alguém que o escuta em sua vivência e a colore conferindo-lhe relevos a partir de elementos de sua própria vivência. Assim, configura-se o pesquisar em uma ‘com-vivência’, uma ‘vivência compartilhada’, pois, embora o pesquisador não tenha vivido com a pessoa entrevistada aquilo que ela lhe conta, ao contar-lhe, rememora o vivido e traz para o ‘aqui/agora’

esse revivido, sendo, portanto, contemporâneo para ambos.

Sobre isso, autor<sup>(5)</sup> nos aponta o retorno do sensível, mais vivido do que pensado, que toma a ideia de criatividade da existência. Nessa noção de criação da vida e da vida como obra de arte, a estética é o compartilhamento de emoções, de tecer o laço, de (re)ligação, outra forma de dizer da ética da existência.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos estudos, cuja centralidade se faz na apreensão da experiência do adoecimento e cuidado pelas pessoas e famílias, têm nos permitido compreender os afetamentos dessa experiência na vida de cada pessoa e na própria produção do cuidado, em reverberações multivariadas de difícil apreensão, se não pelo olhar sensível e empático do pesquisador em direção ao outro, participante da pesquisa. Nessa compreensão ampliada, apercebemo-nos que as pessoas e suas famílias ‘dizem sim à vida’

mesmo no enfrentamento de situações mais difíceis como o adoecimento. Em uma perspectiva do presente, as pessoas cuidam da vida, na vida e para a vida, buscando estar bem dentro das potencialidades que se apresentam no aqui e agora, não permitindo que a possibilidade da finitude mais próxima lhes seja o horizonte mortífero que anularia esse cuidado.

Nessa perspectiva, indagamos: de que modo e em que medida nossas práticas profissionais em saúde podem amparar essas pessoas em seus potenciais cuidados, visando torná-las mais efetivas no minoramento do sofrimento?

Entendemos que a abordagem compreensiva, ao se debruçar, de forma sensível, sobre situações localizadas e personalizadas de adoecimento e cuidado, longe de se prestar apenas à circunscrição geo-político-social do seu acontecimento, pode nos amparar na compreensão da permanência, transcendência e universalidade do sofrimento humano; podendo ser, portanto, empaticamente compreensível pelos demais humanos.

---

## FOR A COMPREHENSIVE APPROACH OF FAMILY CARE EXPERIENCE

### ABSTRACT

This essay was based on the experience of the authors in the development of research in health and nursing whose central theme is family care experience, which is addressed by means of a comprehensive approach. In the development of this essay we seek to thematize how such approach flows in the research in a way which captures the shapes and outline of the fluid and dynamic reality that are the experiences of the daily human life, outlined in this comprehensive approach and, with privilege, in the History of Life; and the aesthetic and ethic dimensions. In the capture through the researcher's sensitive and empathetic eye toward the other participant of the research, we realize the people and their families 'say yes to life', even in the face of the most difficult situations such as the illness; in a perspective of the now, people take care of life, in life and for life, trying to be close to the potentials that present themselves in the 'here and now', not permitting that the nearest possibility of finiteness be the deadly horizon that would annul this care. We understand that this comprehensive approach, in sensitively leaning on localized and personalized situations of illness and care, it can support us in comprehending the permanence, transcendentalism, anuniversality of human suffering.

**Keywords:** Qualitative Research. Nursing Research. Family.

---

## PARA UN ENFOQUE COMPRENSIVO DE LA EXPERIENCIA FAMILIAR DE CUIDADO

### RESUMEN

Este ensayo se basó en la vivencia de las autoras en el desarrollo de investigaciones en el área de la salud y enfermería que tienen como tema central la experiencia familiar de cuidado, de la cual tienen aproximación mediante el enfoque comprensivo. En el desarrollo del ensayo se buscó tematizar cómo tal enfoque se esboza en la investigación de modo a reflexionar los relieves y contornos de la realidad fluida y dinámica de la experiencia cotidiana humana, basados en el enfoque comprensivo y, privilegiadamente, en la Historia de Vida; y la dimensión estética y ética de este enfoque. En la aprehensión por el aspecto sensible y empático del investigador en dirección al otro -participante de la investigación- notamos que las personas y sus familias 'dicen sí a la vida', aunque enfrentando las situaciones más difíciles, tal como la enfermedad. En una perspectiva del presente, las personas cuidan de la vida, en la vida y para la vida, buscando estar bien dentro de las potencialidades que se presentan en el 'aquí y ahora', no permitiendo que la posibilidad de la finitud más próxima sea el horizonte mortífero que anularía este cuidado. Entendimos que el enfoque comprensivo, al volcarse, de modo sensible, sobre situaciones localizadas y personalizadas de enfermedad y cuidado, puede favorecernos en la comprensión de la permanencia, transcendencia y universalidad del sufrimiento humano.

**Palabras clave:** Investigación Cualitativa. Investigación em Enfermería. Família.

## REFERÊNCIAS

1. Maffesoli M. A terra fértil do cotidiano. Rev. Famecos [online] 2008. [citado em 28 abr. 2014]; (36); 5-9. Disponível em: URL: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4409/3308>
2. Minayo MCS. Qualitative analysis: theory, steps and reliability. Ciênc saúde coletiva [online]. 2012. [citado em 28 abr. 2014]; 17(3); 621-6. Disponível em: URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso)
3. Mufato LF, Araújo LFS, Bellato R, Nepomuceno MAS. (Re) organização no cotidiano familiar devido às repercussões da condição crônica por câncer. Ciênc Cuid Saúde. 2012 jan-mar; 11(1):89-97.
4. P. Bourdieu P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil; 2011.
5. Maffesoli M. Elogio da razão sensível. Petrópolis (RJ): Vozes; 2008.
6. Araújo LFS, Dolina JV, Petean E, Musquim CA, Bellato R, Lucietto GC. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. Rev Bras Pes Saúde [online] 2013. [citado em 28 abr 2014]; 15(3); 53-61. Disponível em: URL: <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/viewFile/6326/4660>
7. Bellato R, Araújo LFS, Faria APS, Santos EJP, Castro P, Souza SPS, et al. A história de vida focal e suas potencialidades na pesquisa em saúde e em enfermagem. Rev Eletr Enf. [online] 2008. [citado em 28 abr 2014]; 10(3): 849-56. Disponível em: URL: [http://www.fen.ufg.br/fen\\_revista/v10/n3/pdf/v10n3a32.pdf](http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v10/n3/pdf/v10n3a32.pdf)
8. Bondía JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev Bras Educ. 2002; 19: 20-8.
9. Alves R. Concerto para corpo e alma. 3<sup>rd</sup> ed. Campinas, SP: Papyrus-Speculum; 1998.
10. Barros M. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Leya Brasil; 2010.
11. Maffesoli M. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios; 2009.
12. Simmel G. A Moldura – Um ensaio estético. In: Souza J, Oëlze B, organizadores. Simmel e a modernidade. Brasília (DF): UNB; 1998. p.121-8.
13. Dolina JV, Bellato R, Araújo LFS. Research experience with a person going through the process of dying and death. J Palliat Med [online]. 2014. [citado em 28 abr. 2014]; 17(2):244-5. Disponível em: URL: <http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/jpm.2013.0244>
14. Brasil. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, Brasília(DF). 2013 jun; Seção 1. p.59.

**Endereço para correspondência:** Roseney Bellato, Av. Anita Garibaldi, Rua B nº 85. CEP: 78075-190. Jardim Universitário. Cuiabá-MT, Brasil. E-mail: [roseneybellato@gmail.com](mailto:roseneybellato@gmail.com)

**Data de recebimento:** 11/05/2015

**Data de aprovação:** 10/06/2015